

CONFIGURAÇÕES DE GÊNERO NA NARRATIVA DE PAULINA CHIZIANE: O EMPODERAMENTO DE VOZES FEMININAS

Áurea Regina do Nascimento Santos
Mestra em Letras - UESPI
aureasantos@ifpi.edu.br

Algemira de Macedo Mendes
Pós-doutoranda pela Universidade de Lisboa
ajemacedo@ig.com.br

RESUMO

A literatura, usada, inicialmente, como um veículo de informação e difusão anticolonial e a favor dos ideais nacionalistas, tornou-se um lugar privilegiado para as reflexões intelectuais que surgiram em meio à construção da identidade coletiva, permanecendo como centro dos discursos culturais de nação que se seguiram ao nascimento das nações-estado no período pós-independência. O tema que tem a figura da mulher escritora nos países africanos de língua portuguesa pode parecer descontextualizado do resto da produção literária africana em língua portuguesa, se considerarmos que, na África e em outros continentes, o domínio masculino na literatura é amplamente verificado. Nesse cenário, destaca-se Paulina Chiziane, dando voz às mulheres moçambicanas no contexto pós-colonial, através de seus romances.

PALAVRAS-CHAVES: Paulina Chiziane, empoderamento, vozes femininas.

ABSTRACT

Literature was used initially as a vehicle for information and anticolonial diffusion and pro-nationalist ideals. Then, it became a privileged place for the intellectual reflections that emerged *amid* the construction of collective identity, remaining as the center of the nation's cultural discourses that followed the birth of nation-states in the post-independence period. The theme that has the figure of the woman writer in Portuguese-speaking African countries may seem out of context from the rest of African literature in Portuguese, if we consider that in Africa and in other continents, male dominance in the literature is widely verified. In this scenario, there is Paulina Chiziane, giving voice to Mozambican women in the postcolonial context, through her novels.

KEYWORDS: Paulina Chiziane, empowerment, female voices.

A transversalidade, unificadora dos diversos campos do saber, é uma das características que melhor definem os estudos pós-coloniais, permitindo o uso da Literatura, da História, da Antropologia e da Ciência Política, por exemplo, quando fazemos uma análise pormenorizada das diversas maneiras pelas quais a pós-modernidade pode ser compreendida. A partir daí, estudamos algumas facetas do colonialismo, bem como o rumo que as antigas colônias seguiram em épocas posteriores ao processo de contestação e libertação de um sistema de governo colonial.

Partindo dessa realidade, consideramos que o interesse sobre as literaturas africanas, demonstrado desde as últimas décadas do século XX, exige uma abordagem do texto africano de autoria feminina com a crescente importância assumida pelos estudos comparativos envolvendo as literaturas africanas em língua portuguesa.

Na África dominada pelo colonialismo, observamos a existência de diversas realidades – aos olhos do masculino e do feminino – e a manifestação desses pensamentos nos permite analisar os textos produzidos por mulheres africanas no período colonial e no período pós-colonial, buscando um caminho entre o espaço de produção da obra literária e a representação de um sujeito enunciativo inserido nesse contexto espacial.

A escrita pode ser entendida como uma estratégia de poder, desenvolvida pelas mulheres no enfrentamento de situações em que as relações de gênero contribuem para a opressão feminina. De acordo com Chiziane (2002), em entrevista concedida à revista moçambicana *Maderazincó*, por telefone, “ser escritora é uma ousadia” e sua escrita é uma forma de estar no mundo, de existir, de conquistar seu espaço na sociedade.

Ser mulher é muito complicado, e ser escritora é uma ousadia. Como é uma ousadia a mulher sair de madrugada ir a praia comprar peixe para vir cozinhar. A mulher está circunscrita num espaço e quando salta essa fronteira sofre represálias, há quem não as sente de uma forma directa, mas a grande maioria (...) É sempre uma dificuldade, porque primeiro, eu tenho de provar que sou capaz, depois tenho de conquistar um espaço. Eu tenho que trabalhar muito para mostrar que não foi por acaso que as coisas aconteceram. Mas agora estou numa fase mais estável em que as pessoas já não se assustam e, de certa maneira, já não implicam; mas para chegar até este ponto teve de ser uma batalha (CHIZIANE, 2002).¹

Nas narrativas pós-coloniais, especialmente na literatura moçambicana, há vestígios da guerra de independência e da tentativa de (re)construir uma identidade nacional para o país, atravessada pelo colonialismo português e pelo movimento de libertação que se confundem com a condição da mulher em Moçambique. Essas narrativas expõem a experiência da mulher de ser e estar no mundo, historicamente marcada pela humilhação social e pela invisibilidade pública.

Sobre essa invisibilidade, Gayatri Spivak (2010, p. 15) afirma que “a mulher, como subalterna, não pode falar e quando tenta fazê-lo não encontra os meios de se fazer ouvir”.

Ainda segundo Spivak (2010), a vida do subalterno colonial é evidentemente tensa e desesperadora, contudo a autora chama a atenção para uma situação mais desesperadora, que é a do sujeito mulher, negra, pobre e, claro, colonizada. Dessa forma, o sujeito subalterno feminino, além de se submeter ao colonizador, deve obediência ao pai ou ao marido, submetendo-se também ao sistema patriarcal, sendo assim subalterna do subalterno, como assinala a autora:

É mais uma questão de que, apesar de ambos serem objetos da historiografia colonialista e sujeitos da insurgência, a construção ideológica de gênero mantém a dominação masculina. Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade (SPIVAK, 2010, p.67).

A literatura pós-colonial de autoria feminina tem também um discurso político, pois está situada em um contexto de engajamento a uma ordem social que reivindica valores feministas de emancipação e participação ativa da mulher na sociedade, além de projetar uma transformação da realidade de opressão pelas suas personagens, por meio da conscientização e da conduta revolucionária.

Durante o II Encontro de Escritores Hispano-Africanos, realizado em Maputo, em 2006, Paulina Chiziane debateu sobre a literatura produzida por mulheres. Em uma mesa-redonda, criticou alguns escritores moçambicanos pela abordagem que fazem em torno da imagem da mulher, que são retratadas como "as dominadas". Paulina lamentou o tratamento "desigual" nos escritos dos autores moçambicanos, referindo-se a abordagem feita também no cinema e na música moçambicanas. "Quando se escreve sobre a mulher, ela é um lugar de prazer", mas, "quando se escreve sobre o homem, trata-se daquele vilão" (CHIZIANE, 2006).ⁱⁱ

A representação da condição feminina na sociedade moçambicana, e mesmo em outros países africanos, a partir da narrativa de diversas autoras, revela como as escritoras são intelectuais ativamente envolvidas na vida social a que pertencem, visto que estão inseridas no espaço as situações dos romances acontecem. Autoras como a senegalesa Mariama Bâ, a nigeriana Buchi Emecheta, a camaronesa Calixte Beyala e Paulina Chiziane, a escritora estudada nesse artigo, ultrapassam questões exclusivamente locais e se apoderam de sentimentos e aspirações universais, traduzidos na escrita pela experiência feminina que possuem do mundo.

Elas (as personagens) são tão diferentes de mim e tão distantes, apesar de eu escrever na primeira pessoa. E eu gosto de escrever na primeira pessoa porque me permite participar mais na história. E nós como mulheres temos as coisas que falamos só entre nós mulheres e em voz baixa; meio sagrado... o que é que as mulheres dizem do seu marido quando estão

entre elas? Então são estes pequenos nada que eu junto para fazer a teia desta história (CHIZIANE, 2002).ⁱⁱⁱ

Nessa perspectiva, podemos citar Russel Hamilton (2000) quando afirma, tendo comobaseque o escritor, assim como o intelectual, pode ser capaz de trabalhar o poder ideológico que possui a favor da sociedade, unindo a estética ao social.

[...] surgiram movimentos literário-culturais propulsionados pela conscientização social e política de intelectuais negros e mestiços e brancos de camadas sociais médias dos centros urbanos das colônias. Estes ‘filhos da terra’, quase todos jovens, começavam a produzir obras literárias de reivindicação cultural africana. Ao longo dos anos 50 e 60, e particularmente com o início dos movimentos de libertação, cresciam cada vez mais o protesto social e, eventualmente, a combatividade (HAMILTON, 2000, p. 187).

Através dessa afirmação, Hamilton aponta o entrecruzamento do papel do intelectual com o papel do escritor, além de ressaltar o profundo diálogo existente entre a literatura e a formação das identidades dos países africanos. Para ele, o conjunto de produções literárias da África colonial compõe “um importante legado cultural, social, político e estético para os escritores do pós-independência”, declaração que mais uma vez resalta o papel da literatura no âmbito da ação política pela afirmação nacional.

Edward Said (2005) também comenta sobre o intelectual e sua importância ao afirmar que,

[...] o papel do intelectual encerra uma certa agudeza, pois não pode ser desempenhado sem a consciência de se ser alguém cuja função é levantar publicamente questões embaraçosas, confrontar ortodoxias e dogmas (mais do que produzi-los); isto é, alguém que não pode ser facilmente cooptado por governos ou corporações, e cuja *raison d'être* é representar todas as pessoas e todos os problemas que são sistematicamente esquecidos ou varridos para debaixo do tapete (SAID, 2005, p. 25).

Considerando o papel desempenhado por escritoras como Paulina Chiziane, podemos considerá-la uma intelectual em Moçambique, pois usa sua voz para denunciar e criticar a forma com que as mulheres são tratadas nessa sociedade.

Podemos dizer, em parte, que ainda existem resquícios na sociedade moçambicana dos tempos do colonialismo. Mesmo com a independência e as modernizações de alguns setores, ainda se convive com práticas ambivalentes. No entanto, Chiziane, mesmo buscando a ancestralidade de sua cultura, não deixa de ter um olhar crítico sobre a situação da mulher no país e da realidade circundante.

O historiador Patrick Chabal (1996) nos lembra de que, para entendermos as origens e o impacto dessas literaturas nacionais na construção de uma identidade nacional, é necessário levar em consideração as características do contexto que distinguem os países africanos de língua portuguesa não apenas de outros países africanos, mas também, entre si. Chabal (1996) identifica cinco fatores históricos cruciais que estabelecem essas distinções:

(1) o carácter distinto das culturas das ilhas crioulas de Cabo Verde e São Tomé e Príncipe; (2) a fraca integração colonial, o desenvolvimento econômico desigual e a mistura racial e social complexa de Angola e Moçambique; (3) o impacto social e cultural do regime do ditador português Salazar (o Estado Novo, ou New State) nas colônias africanas; (4) a dinâmica do nacionalismo, o efeito da guerra de libertação e, para Angola e Moçambique, das guerras 'civis' que se seguiram; e, (5) o impacto das influências culturais, intelectuais e literárias de outros lugares sobre o desenvolvimento das literaturas da África Lusófona (CHABAL, 1996, p. 12-13).

Como resultado, essas especificidades têm sido condicionadas, de diversas maneiras, tanto o surgimento da consciência nacional literária antes do estabelecimento dos países quanto à consolidação e o desenvolvimento dessa consciência ao longo da era pós-colonial. É também evidente que, devido à relação entre a literatura e a nação nesses países africanos, desde o início, os textos literários tornaram-se o que Inocência Mata (2006, p. 17) chama de "textos-memória da História dos países", em razão de acompanharem as trajetórias das nações. Ao verificar-se o projeto de construção da nação, a Literatura exerce um papel importante, pois é, muitas vezes,

através das narrativas que o processo identitário se constrói e, assim também, pode ser ressignificado.

Em outras palavras, o momento em que a nação cultural, tal como concebida dentro de uma política e de um projeto ideológico, começa a ser questionada pela literatura, sinaliza a tentativa de desconstruir discursos hegemônicos e unívocos da nacionalidade, bem como a abertura de possibilidades de repensar a identidade nacional.

Moçambique é uma nação bastante jovem. Foi colônia de Portugal até 1975, conquistando sua independência um ano após a Revolução dos Cravos, ocorrida em 25 de abril de 1974 em Portugal, levando o regime fascista e o projeto imperial ao fim. A autonomia de Moçambique, assim como a de outras colônias europeias, foi atingida após um longo, complexo e doloroso período de colonização e de luta pela independência, e não é surpresa que a produção literária tenha atingido um papel importante na luta intelectual para definir as nações descolonizadas. É nesse cenário, em meio a uma guerra civil e na luta pelos direitos da mulher moçambicana que, aos poucos, vozes femininas são levantadas.

A literatura de autoria feminina nas sociedades pós-coloniais apresenta-se como um processo representativo da história das mulheres, uma ferramenta de denúncia e de quebra de mitos e preconceitos reforçados pelo discurso patriarcal. A literatura produzida por mulheres africanas apresenta algumas semelhanças com a produção literária publicada em culturas em que a mulher, mesmo que já tenha ultrapassado algumas das barreiras que a aprisionavam as funções domésticas, continua à margem, definida por muitos dos padrões que a sociedade legitima como, por exemplo, a tarefa de gerar os filhos, criá-los, educá-los e prepará-los para a vida.

Não é por acaso que a presença de mulheres na literatura canônica na África, assim como em outras nações, é sempre muito reduzida. Razões culturais e políticas explicam, por exemplo, o modesto número de textos literários de autoria feminina nos catálogos da maioria das editoras não especializadas em temas ligados ao feminino. Essa realidade também pode ser aplicada a Moçambique.

Na África, muitos fatores podem explicar a chegada tardia das mulheres à literatura: a dificuldade de acesso à instrução, as tradições seculares que delegam à mulher as funções relacionadas com a maternidade e com a criação dos filhos e, certamente, os critérios de seleção utilizados pelos editores.

A literatura pós-colonial moçambicana dialoga constantemente com a proposta de afirmação da identidade que vem amadurecendo por meio das produções literárias, já que, historicamente, se situa no momento pós-independência e pós-guerra.

Dentre os países falantes de língua portuguesa, considerando as mulheres que encontraram sua voz e se fizeram ouvir, merecem destaque as moçambicanas Lília Momplé, Noêmia de Sousa e Paulina Chiziane. Isso não significa que não existam outras escritoras de destaque, porém nos deteremos nas citadas e, em especial, na última. Essas escritoras são militantes políticas que utilizam a literatura para questionar os problemas políticos, culturais e sociais de seu país. Além disso, a condição feminina é um tema que atravessa a produção literária dessas escritoras.

Como enfatiza a própria Momplé (1999), a condição feminina é extremamente problemática em Moçambique e, por isso, torna-se um tema recorrente na literatura escrita por mulheres porque:

a mulher moçambicana sempre foi, desde os tempos coloniais, a principal difusora dos valores culturais, das tradições e dos ritos, tais como: o espírito de solidariedade e entre ajuda, a hospitalidade, a veneração pelos mais velhos, os ritos de nascimento, a iniciação, a reconciliação e morte; a

mulher tinha a responsabilidade de, mesmo restrita à sua família e à comunidade (tribo) local da qual fazia parte, transmitir às novas gerações manifestações artísticas como a dança, o canto e as histórias dos antepassados, transmitindo a memória tribal coletiva via oralidade (MOMPLÉ, 1999, p. 31).

Celebrada pelos círculos literários como a primeira mulher moçambicana a publicar um romance em Moçambique, Paulina Chiziane vem ganhando amplitude, ao lado de nomes como o de Lília Momplé e Noêmia de Sousa, como uma das romancistas de maior destaque do final do século XX e início do século XXI, com uma obra de grande repercussão não apenas em Moçambique, mas em todos os países de língua portuguesa. Junto a Paulina Chiziane, Lília Momplé e Noêmia de Sousa são representantes de uma literatura que aborda a condição feminina em suas produções evidenciando a importância do tema para que se perceba que há um contingente de mulheres escritoras que, por meio das temáticas mencionadas, se inscrevem nos textos na tentativa de fazer com que se discutam, através da literatura, questões específicas do universo feminino moçambicano.

Considerando o contexto político, histórico, geográfico, social e cultural de Moçambique, bem como o contexto da literatura moçambicana, não é surpresa que os debates sobre identidade e nacionalismo, que as autoras retratam na ficção através de uma perspectiva de gênero, reflitam e problematizem o discurso de nacionalidade construído através da história, bem como revelem as estruturas complexas de poder que existem e que são baseadas nas diferenças.

Isso significa que, atuando tanto como mulheres quanto como escritoras, em suas obras literárias, as autoras são, simultaneamente, sujeitos e objetos. Consequentemente, a reflexão que elas fazem sobre as questões de identidade nacional, a partir de um ponto de vista feminino, e sobre os acontecimentos históricos,

sociais e econômicos que marcaram a consolidação da nação é duplicada, considerando que a expressão delas sobre as experiências das mulheres africanas acontece junto com as suas próprias experiências como escritoras africanas.

É importante lembrar, neste ponto, as palavras de Inocência Mata e Laura Cavalcante Padilha (2007) na "Introdução" da coleção de ensaios sobre gênero e escrita feminina nos países africanos de língua portuguesa intitulada *A Mulher em África: vozes de uma margem sempre presente*:

No caso da literatura, vale lembrar que tal exclusão se repete em todos os sistemas literários nos quais há nitidamente uma predominância de vozes masculinas, pois os textos, como produtos simbólicos e como 'documentos do imaginário', na expressão de Jacques Le Goff, submetem-se aos mesmos aparatos de dominação impostos pelas ideologias hegemônicas (MATA; PADILHA, 2007, p. 13).

As escritoras moçambicanas são, na verdade, únicas em vários sentidos, particularmente no sentido de que, como autoras que escrevem em um país independente, elas não apenas foram bem-sucedidas – em maior ou menor escala – em romper a exclusão histórica de vozes femininas do sistema literário de Moçambique, como também conquistaram um espaço no ambiente da escrita literária dominada por homens.

Embora, em geral, não existam muitas vozes femininas na historiografia literária moçambicana devido ao acesso historicamente limitado das mulheres à esfera pública, não deixa de ser um fato de que existe uma tradição de vozes femininas isoladas emergentes na literatura, como demonstram as análises de algumas das antologias mais importantes da literatura africana de língua portuguesa publicadas até hoje, como as de Hilary Owen (2007, 2012; 2013), Ana Mafalda Leite (2003; 2012), Russel Hamilton (1975) e outras que surgirão no decorrer das novas histórias que ainda estão esperando para serem escritas.

Paulina Chiziane afirma que sua escrita é uma forma de pensar com maior profundidade sobre a sua condição social e a de outras mulheres – um tema que se tornou sua maior inspiração:

Olhei para mim e para outras mulheres. Percorri a trajetória do nosso ser, procurando o erro da nossa existência. Não encontrei nenhum. Reencontrei na escrita o preenchimento do vazio e incompreensão que se erguia à minha volta. A condição social da mulher inspirou-me e tornou-se meu tema. Coloquei no papel as aspirações da mulher no campo afectivo para que o mundo as veja, as conheça e reflita sobre elas. Se as próprias mulheres não gritam quando algo lhes dá amargura da forma como pensam e sentem, ninguém o fará da forma como elas desejam (CHIZIANE apud CHABAL, 1994, p. 298).

Tendo atuado ativamente na Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) quando era mais jovem, Chiziane decepcionou-se com o movimento político do partido marxista-leninista que assumiu modelos ocidentais que pouco se relacionavam com os ideais moçambicanos.

Além disso, sua própria experiência como mulher negra, lutando para escrever um romance, publicá-lo, e ser reconhecida como autora, dentro da Associação de Escritores Moçambicanos (AEMO) dominada por homens, a influenciou significativamente (CHABAL, 1994, pp. 298-299).

Seus projetos de escrita oferecem, frequentemente, reflexões sobre essas limitações, apontando, simultaneamente, futuras alternativas que recuperam e reciclam certos princípios socialistas.

Embora não goste que seu trabalho seja rotulado de feminista, Paulina Chiziane declarou que seu primeiro romance, *Balada de amor ao vento*, é um livro com bastante foco na temática do feminino de forma que, nas palavras da autora: “a minha mensagem é uma espécie de denúncia, é um grito de protesto” (CHIZIANE apud CHABAL, 1994, p. 298.)

Quando publicou seu segundo romance, *Ventos do Apocalipse*, ela foi mais cuidadosa com a caracterização do seu trabalho, enfatizando o ponto de vista centrado na mulher em detrimento de uma postura feminista.

Esse romance foi escrito a partir de um trabalho que Chiziane realizou com a Cruz Vermelha durante o conflito interno, no qual se opuseram as forças da FRELIMO e da Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO) de 1977 até 1992. Durante esse tempo, uma história em particular, ouvida em um campo de refugiados sobre uma mulher chamada Mino, que tinha perdido sua filha grávida na noite anterior, permaneceu em sua mente e levou-a a escrever uma reflexão sobre a guerra (MARTINS; TAVARES, 2006).

Novamente, Paulina Chiziane criou personagens cuja complexidade permite a observação não apenas de papéis de gênero pré-definidos, mas também de como sua suposta previsibilidade foi utilizada no contexto da sociedade patriarcal.

Como mulher negra de um grupo social não privilegiado, sua luta era provar que as pessoas desses círculos sociais também poderiam produzir formas alternativas de pensar a subjetividade e a identidade nacionais. Sempre assumindo uma postura feminina, criticando estruturas sociais patriarcais obsoletas, recuperando ferramentas tradicionais fortalecedoras para as mulheres, Paulina Chiziane propõe novas estratégias para a construção de uma sociedade com mais igualdade entre os gêneros e fornecer leituras da sociedade moçambicana e colocando as mulheres e a voz feminina no cerne da discussão, desafiando os limites de sua idealização dentro da nação socialista.

Em suas obras, Paulina Chiziane junta sua voz à de outras moçambicanas quando prefere definir-se como “uma contadora de histórias”, já que sua inspiração vem “dos

contos à volta da fogueira, onde vivos e mortos se procuram, se disputam, se entrelaçam e reconciliam”, sua “primeira escola de arte” (CHIZIANE, 2002).

A autora retrata, em seus romances, o Moçambique atual dividido entre a tradição e a vida moderna, as culturas ancestrais, as autóctones e outras que vieram posteriormente por influência do Islã, da China, da Índia e, sobretudo, do Cristianismo.

Falando dessa diversidade e riqueza culturais, confessa:

Em Moçambique temos dois mundos familiares distintos: por tradição, um mundo matriarcal no norte e um mundo patriarcal no sul. Contudo, com a influência do islamismo no norte, este tornou-se patriarcal e poligâmico; e o sul, tradicionalmente poligâmico, viu essa prática ser proibida com o socialismo e contestada pelo catolicismo. Ora estes processos de mudança geram conflitos e tensões que perduram (CHIZIANE *apud* GOMES, 2001, p.24).

A escrita de Paulina Chiziane não representa apenas uma mulher moçambicana que fala sobre as mulheres em Moçambique, mas também que modifica o cenário social, geralmente visto como espaço dominado pelo homem. Ela tece, no presente, a história de mulheres buscando seus valores na sociedade, a realização dos seus ideais, juntamente com a afirmação de uma identidade moçambicana que é a marca da existência feminina no país.

O que pode ser visto no estilo de Paulina Chiziane é a construção da identidade moçambicana seguindo um caminho decisivo e definitivo que desconstrói a imagem de uma mulher que é vítima, silenciada, objeto sexual, excluída, oprimida e subalterna. Assim, existe uma reconstrução da imagem feminina que, após a dor, busca levantar-se e erguer a cabeça transformando esse espaço subjugado em seu lugar de domínio; sua terra, sua casa, sua família, seu vilarejo e seu país.

Dessa forma, as obras de Paulina Chiziane desenvolvem o seu papel fundamental na literatura de Moçambique, construindo um caminho de resistência e, acima de

tudo, a autoafirmação da identidade feminina, além de, especialmente, expor a presença de características de Moçambique.

Paulina Chiziane faz ecoar as vozes das mulheres moçambicanas silenciadas pelas circunstâncias repressivas e mostra o que estava escondido no seu silêncio através de suas obras, na tentativa de construir uma espécie de empoderamento entre elas. É a não conformidade com a situação e o desejo de mudar de posição, de ser vista como uma mulher de valor e importância em sua própria cultura. Ao traçar esse caminho de resistência e afirmação de identidade na literatura, Paulina Chiziane faz parte da atual trajetória literária feminina em Moçambique.

O direito da mulher a ser a mesma é negado, porque ela é um sujeito em um estado de inferioridade e do sexo feminino, o que agrava a situação. Gayatri Spivak diz:

No contexto do itinerário do sujeito subalterno, o caminho da diferença sexual é duplamente obliterado. A questão não é a da participação feminina na insurgência ou das regras básicas da divisão sexual do trabalho, pois, em ambos os casos, há "evidência". É mais uma questão de que, apesar de ambos serem objetos da historiografia colonialista e sujeitos da insurgência, a construção ideológica de gênero mantém a dominação masculina. Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito feminino subalterno está ainda mais profundamente na obscuridade (SPIVAK, 2010, p. 66-67).

Para a autora, a recuperação da voz de um sujeito subalterno, especialmente a voz da mulher, torna-se difícil, pois ao ser silenciada e diferenciada por raça e classe social: "O subalterno não pode falar. Não há valor atribuído à mulher como um item respeitosa lista de prioridades globais" (SPIVAK, 2010, p. 126).

Assim, a narrativa notifica que para a mulher moçambicana não resta nada, a não ser a voz silenciada, apesar de já ter seus direitos limitados, ela os perdeu por completo com a colonização. Ela não é vista como mulher, como pessoa, mas como um objeto sexual, igualmente vemos em *Balada de amor ao vento*, quando a personagem principal, Sarnau, é recepcionada por uma tia de seu marido, o rei de Mambone:

“Sarnau, o lar é um pilão e a mulher o cereal. Como o milho serás amassada, triturada, torturada, para fazer a felicidade da família. Como o milho, suporta tudo, pois esse é o preço da tua honra” (CHIZIANE, 2003, p. 46).

O escritor moçambicano Cremildo Bahule (2013, p. 128) afirma que a “sexualidade da mulher é construída a partir da visão que o homem tem sobre o mundo”. Já para Zuleide Duarte de Souza (2013), discutir a sexualidade em uma sociedade tão plural é mergulhar no oceano para onde fluem continuamente muitos “rios de amargura, dor e um pouco de alegria” (SOUZA, 2013, p. 74).

A literatura escrita por mulheres de países que foram colonizados tem uma dupla função na descolonização das mentes aculturadas porque as mulheres foram duplamente colonizadas, pelo sexo e pela “raça”, e, através da literatura, elas puderam lutar por seus direitos. Foram respeitadas e reconsideradas na sociedade dominada por homens, uma vez que o governo imperial foi extinto. A literatura pode promover e expressar mais fielmente a situação de mulheres subalternas, colonizadas, marginalizadas. A pesquisadora Inocência Mata (2007) afirmar que:

Na verdade, no contexto de suas sociedades, marcadas por desigualdades institucionalizadas por disposições legais, tradicionais e de mentalidade, as mulheres escritoras constituem um grupo privilegiado tanto em termos de classe e sócio-culturais quanto por causa do domínio da escrita, que ainda é um poder em África. Razão por que, de certa maneira, essas mulheres acabam por funcionar como porta-vozes deste segmento da sociedade (MATA, 2007, p. 421).

Curiosamente, a declaração da autora citada acima indica que as escritoras são privilegiadas por dominarem a escrita. Devido à taxa de analfabetismo ser muito alta, em diversos países no continente africano, as mulheres são excluídas da sociedade, entretanto, mesmo diante das dificuldades, elas foram capazes de ter acesso à alfabetização e tornaram-se “porta-vozes” de seu grupo. Vemos que estão conquistando seu espaço, embora não seja fácil. As mulheres moçambicanas não estão

mais lutando contra a dominação e a opressão colonial portuguesa, mas sim pelo reconhecimento de si mesmas como mulheres, cidadãos do seu país e pela legitimidade como ser humano. Thomas Bonnici (2012) considera que há uma relação muito próxima entre o feminismo e os estudos pós-coloniais, pois:

O objetivo dos discursos pós-coloniais e do feminismo é a integração da mulher marginalizada à sociedade. De modo semelhante ao que aconteceu nas reflexões do discurso pós-colonial, no primeiro período do discurso feminista a preocupação consistia na substituição das estruturas de dominação. Essa posição simplista evoluiu para um questionamento sobre as formas e modos literários e o desmascaramento dos fundamentos masculinos do cânone. Nesses debates, o feminismo trouxe à luz muitas questões que o pós-colonialismo havia deixado obscuras; por outro lado, o pós-colonialismo ajudou também o feminismo a precaver-se de pressupostos ocidentais do discurso feminista (BONNICI, 2012, p. 25).

Ainda assim, a dupla colonização causou a objetificação das mulheres na questão de classe e “raça”. Dentre outras, a estratégia mais eficaz para a descolonização feminina concentra-se no uso da linguagem e na experimentação linguística. Essa estratégia eficaz na descolonização da mulher está sendo atingida através da literatura precursora, do uso de uma linguagem apropriada que pode desmitificar a imagem objetificada das mulheres, dar voz à mulher silenciada, expressar a sua maneira de pensar, agir e reagir quando elas não estão satisfeitas com a sua situação, e mudar a maneira de lutar pelo ideal a ser alcançado, sua identidade moçambicana.

Substituir a estrutura dominante por uma estrutura nova e autêntica faz da escrita de Paulina Chiziane uma produção literária feminina pós-colonial com ideais de descolonização, pois ela narra histórias de mulheres sobre realizações antigas e atuais quando ela põe um fim ao silêncio, deixando a posição de inferioridade na luta pela sua liberdade.

REFERÊNCIAS

BAHULE, Cremildo. *Literatura Feminina, Literatura de Purificação: o processo de ascese da mulher na trilogia de Paulina Chiziane*. 1.ed. Maputo: Editora Ndjira, 2013.

BONNICI, Thomas. *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*. 2. ed. Maringá: Eduem, 2012.

CHABAL, Patrick. *Vozes Moçambicanas. Literatura e Nacionalidade*. Lisboa: Vega, p. 292-301, 1994.

_____. *The Post-Colonial Literature of Lusophone Africa*. London: Hurst & Company, pp. 1-28, 1996.

CHIZIANE, Paulina. *Ser escritora é uma ousadia!* Entrevista a Rogério Manjate. Maputo, 2002. http://www.maderazinco.tropical.co.mz/edic_III/entrevista/paulina.htm
Disponível em: <http://www.passagensliterarias.blogspot.com.br/2008/01/entrevista-paulina-chiziane.html> Acesso em: 10 out. 2015.

_____. *Feminização da escrita literária em debate*. 2006. Disponível em: http://macua.blogs.com/moambique_para_todos/2006/11/feminizacao_da_es.html
Acesso em: 01 fev. 2016

_____. *Balada de amor ao vento*. 2. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

GOMES, Júlio do Carmo. Contadora de histórias. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa (3), 24-25, 2001.

HAMILTON, Russel. A literatura dos países africanos de língua oficial portuguesa. In: *Metamorfoses*. UFRJ, Cátedra Jorge de Sena, n. 1, p. 187, 2000.

MARTINS, Ana M. D.; TAVARES, Maria, *Unpublished Interview with Paulina Chiziane*. Minneapolis, 2006. Disponível em: <http://www.anamartins.co.uk/#!interview-to-paulina-chiziane/ct6g>. Acesso em: 01 jun. 2015.

MATA, Inocência; PADILHA, Laura Cavalcante. *A mulher em África. Vozes de uma margem sempre presente*. Lisboa: Edições Colibri, 2007.

MATA, Inocência. Laços de Memória: a escrita-testemunho como terapêutica na literatura africana – os casos de Angola e da Costa do Marfim. In: *Laços de Memória & Outros Ensaios sobre Literatura Angolana*. Luanda: UEA, pp. 17-31, 2006.

_____. *A literatura africana e a crítica pós-colonial*. Reversões. Luanda: Editorial Nzila. Col. Ensaio, 40. 2007.

MOMPLÉ, Lília. A mulher escritora e o cânone. In: MÃO-DE-FERRO, Ana Maria (org). *A mulher escritora em África e na América Latina*. Évora: Editorial Num, 1999.

SAID, Edward. *Representações do intelectual – as Conferências Reith de 1993*. Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SOUZA, Zuleide D. de. Dissimular para Sobreviver: estratégias de resistência. *Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF*, Niterói, v. 5, n. 10, abr., p. 67-78, 2013.

SPIVAK, Gayatri C. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora: UFMG, 2010.

Recebido em 25 de Março de 2016

Aceite em 20 de Maio de 2016

Como citar este artigo:

SANTOS, Áurea Regina do Nascimento; MENDES, Algemira de Macedo. Configurações de gênero na narrativa de Paulina Chiziane: o empoderamento de vozes femininas. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, Ano 15, n. 22, jan.-jun. 2016. p. 51-68. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num22/dossie/palimpsesto22dossie04.pdf>. Acesso em: dd.mm.aaaa. ISSN: 1809-3507.

ⁱ Disponível em: <http://passagensliterarias.blogspot.com.br/2008/01/entrevista-paulina-chiziane.html>
Acesso em: 10 out. 2015

ⁱⁱ Disponível em: http://macua.blogs.com/moambique_para_todos/2006/11/feminizao_da_es.html
Acesso em: 01 de fev. 2016

ⁱⁱⁱ Disponível em: <http://passagensliterarias.blogspot.com.br/2008/01/entrevista-paulina-chiziane.html>
Acesso em: 10 de out. 2015